

O uno e o múltiplo na cosmologia de Plotino

Marcos Roberto Nunes Costa*

Resumo:

Tentando superar o dualismo grego entre mundo inteligível e mundo sensível, Plotino, neoplatônico, propõe um monismo radical em que há uma passagem natural de um mundo ao outro por emanações ou processões. Assim, vê-se que apesar de um aparente dualismo, quando fala, num primeiro momento, das três hipóteses inteligíveis: o Uno, a Inteligência e a Alma do mundo e, depois, do mundo sensível; este é a última emanação do Uno, e a multiplicidade dos seres surge a partir atuação da Alma do mundo sobre a matéria.

Palavras-chave: Plotino, monismo, emanações, hipóteses e matéria.

Abstract:

Trying to overcome the Greek dualism between the intelligible world and the sensible world, Plotinus, a Neoplatonist, proposes a radical monism implying that there is a natural passage from a world to the other through emanations or processions. In this way, in spite of an apparent dualism, when he speaks, in a first moment, of the three intelligible hypostases: the Single, the Intelligence, and the Soul of the world, and, later, of the sensible world, the latter is the last emanation of the Single, and the multiplicity of beings appear in the world from the performance of the Soul over matter.

Key words: Plotinus - monism - emanations - hypostases - matter.

* Marcos Roberto Nunes Costa é Professor- assistente de Filosofia da UNICAP e Doutorando em Filosofia pela PUCRS.

Introdução

O ponto de partida da cosmologia de Plotino¹ está assentado no velho problema da Filosofia Grega, especialmente em Platão e Aristóteles, da relação entre mundo inteligível ao mundo sensível. Ou seja, como se dá a passagem do Uno, perfeito e imutável, do mundo espiritual à multiplicidade, imperfeita e mutável do mundo material.

Segundo Regis Jolivet², a esse respeito, aos olhos de Plotino, Aristóteles mantinha um dualismo radical. Já Platão estava mais próximo de uma unidade, o que lhe parecia mais plausível, daí sua aproximação com o sistema platônico, quando adota, pelo menos num primeiro momento, ou por questões metodológicas, o seu dualismo.

Entretanto, segundo o mesmo comentador, apesar de um aparente dualismo, Plotino aponta para um sistema monismo³ ainda mais radical que Platão. Tentando superar o mestre, procura mostrar que seu dualismo não é composto de dois elementos opostos e independentes ontologicamente como naquele, mas, pelo contrário, ambos os mundos – inteligível e sensitivo têm o mesmo princípio e fim ontológico – tudo deriva do Uno e volta a ele.

Para tanto, Plotino apresenta uma explicação metafísica do cosmo pela teoria da emanação, onde tudo é explicado a partir de um único ponto ontológico - o Uno. Ou seja, no Princípio, o Uno é tudo o que existe (monismo)⁴. E dele procedem todas as coisas por processão (emanatismo). Ou seja, Plotino procura mostrar que a passagem do Uno à multiplicidade não é direta, mas tudo deriva do Uno por desdobramentos ou processões⁵, que compreendem graus diversos ou intermediários, hierarquicamente dispostos, da perfeição, conforme veremos a seguir

1 - Unidade e Multiplicidade do Mundo Inteligível

Adotando um aparente dualismo, pelo menos por questões metodológicas, Plotino, seguindo o sistema platônico, divide a realidade (o Todo) em dois mundos: mundo inteligível e mundo sen-

sível, onde, internamente, cada um sofrerá desdobramentos, obedecendo à disposição hierárquica da perfeição.

Começando pelo mundo inteligível e incorpóreo, que como um todo é superior à realidade sensível, Plotino apresenta a famosa tríade composta pelas três hipóstases primordiais.

No ápice de tudo, está o *Uno*⁶ – Deus⁷, o Superbem, que é transcendente, perfeito, eterno, infinito e necessário. Desse primeiro Princípio emana a segunda processão, a *Inteligência, Espírito, Lógos ou Noûs*, que é uma cópia do *Uno*, que, embora tenha sido engendrada imediatamente pelo *Uno* e, portanto, a mais perfeita de todas as processões, não tem a unidade perfeita. Ela marca o início da multiplicidade, pois, embora seja a processão mais próxima do primeiro Princípio, a *Inteligência* ou *Espírito* traz em si uma divisão interna por um lado ela contempla diretamente o *Uno*⁸, do qual é parte e, por outro lado, ela contempla a si mesma, é razão consciente de si mesma, ou seja, ela é, ao mesmo tempo, a inteligência que pensa e é, por outro lado, Ser, enquanto é pensada⁹. A segunda hipóstase de Plotino é correspondente à *Inteligência* suprema aristotélica e ao mundo das idéias platônico¹⁰.

Por fim, encerrando o mundo inteligível, temos a terceira emanação, a *Alma* universal ou *Alma* do mundo (substância espiritual), princípio animador do universo, que dá vida a todos os corpos (seres), da qual falaremos com maiores detalhes mais adiante, quando de sua relação com o mundo sensível.

Assim, as três hipóstases do mundo inteligível: o *Uno*, a *Inteligência* e a *Alma* do Mundo, correspondem às três realidades transcendentais do Bem, da Verdade e da Vida.

É claro que, entre as três hipóstases inteligíveis ou espirituais de Plotino, que alguns chamam indevidamente de Trindade, e a Trindade bíblica, há enormes diferenças. Em primeiro lugar, como nos alerta Guilherme Fraile¹¹, em Plotino, apesar do monismo, em que tudo deriva do *Uno* e a ele volta, há uma separação hierárquica entre as três hipóstases, sendo as duas últimas uma emanação da primeira. E mais do que isso, a terceira hipóstase, a *Alma*, não emana diretamente da pri-

meira, mas indiretamente, através da segunda. Ou seja, há degraus inferiores da perfeição. Portanto, **apesar do esforço louvável do professor Reinholdo Ullmann, em um primeiro artigo(1995)¹², em demonstrar que “as hipóstases sucessivas não são a substância do Uno despotencializada”**. Entretanto, ainda no mesmo artigo¹³, o referido professor, parece reforçar nossa hipótese, quando diz: “Os Seres derivados do *Uno* constituem uma imagem ou perfeição da causa incausada. Porém, quanto mais distantes se acham dela, menor é a sua beleza e maior a sua composição em partes”. Portanto, há degradação hierárquica ou diminuição da perfeição nas processões sucessivas, ou seja, despotencialização¹⁴. Assim sendo, as três hipóstases não formam uma única substância ou essência, como bem diz, ainda, o mesmo professor: “O que provém do *Uno* não se identifica com a sua substância, mas é apenas efeito de sua causalidade”¹⁵.

Na Trindade bíblica, ao contrário, não há separação nem degradação hierárquica entre as três pessoas; o Pai, o Filho e o Espírito Santo formam um único Ser – Deus. Ou seja, as três pessoas formam uma só substância ou essência, uma só perfeição.

Também, o Deus de Plotino não é Criador como o Deus da Bíblia, mas emanatista. Na ontologia plotiniana, “a criação do mundo não é obra da liberdade e do amor divino, senão expressão necessária da natureza do Princípio primeiro”¹⁶. Tudo emana do *Uno* determinística¹⁷ e atemporalmente, ou seja, eternamente¹⁸. Não resta dúvida de que o Deus de Plotino é necessário¹⁹, não só Deus, mas todas processões que dele derivam, conforme atesta o professor Reinholdo Ullmann, ao falar da origem da segunda hipóstase: “Quanto à segunda hipóstase, Plotino é categórico: ‘*Noûn ênai anánkê* - É necessário que exista o Espírito’ (En. V, 4, 2, 2)”. Assim, também, como em relação ao mundo sensível, é necessário a sua existência: ‘*anankáion mèn gàr ên [...] ou gàr hoíon te ên éschaton tò noêton ênai [...]*’ (En. II, 9, 8, 20)”²⁰.

Emanadas deterministicamente do *Uno*, todas as coisas hão de voltar, necessariamente, ao *Uno*. A unidade, ou o determinismo, reúne e enlaça

em si todas as leis cósmicas no universo: “Este universo é um animal único, que leva em si todos os animais; tem uma alma única, que está em todas as suas partes; todo ser no mundo do sensível, não é senão uma parte do universo” (*En. IV, 4, 32*). Em suma, tudo é necessário. Portanto encerraremos nossas argumentações com as palavras do professor Reinhold Ullmann²¹ de que “o Bem é o princípio absoluto, do qual depende todo o resto, por emanatismo”.

2 - Unicidade e Multiplicidade no Mundo Sensível

Mas o maior problema na doutrina emanatista de Plotino estava na relação entre as três hipóstases primordiais inteligíveis e as substâncias corpóreas - a matéria e os seres corpóreos -, ou seja, na passagem do mundo inteligível ao mundo sensível (o velho problema da Filosofia Grega, conforme vimos, na introdução deste artigo). Pois, como conciliar a unidade perfeita, espiritual, eterna, infinita, imutável e necessária do *Uno*, com a natureza finita, corporal e múltipla e contingente dos seres corpóreos, sem abandonar o monismo?

Para resolver tal problema, Plotino enquadra, também, a matéria e os seres corpóreos (mundo sensível) em sua teoria da “processão”, para a qual tudo está no *Uno*. Ou seja, que toda multiplicidade no mundo sensível deriva, também, do *Uno* por um processo sucessivo de processões que compreendem graus diversos ou intermediários da perfeição²². Há, portanto, uma unidade ou continuidade entre os dois mundos - inteligível e sensível -, e não um dualismo radical como querem alguns.

Plotino diz que isso é possível, porque a multiplicidade dos seres corpóreos, por emanção, em nada diminui a essência do *Uno*, pois esse poder dá sem perder²³. Deus continua sendo transcendência, Superbem, pois, do ponto de vista da quantidade, um ser diminui cada vez que se tira qualquer uma de suas partes, mas, do ponto de vista da qualidade, é muito diferente: assim como a luz se difunde por todas as partes sem perder nada do seu ser e o amor maternal se multiplica

sem esgotar-se nunca²⁴, o *Uno* pode expandir-se por todas substâncias, espirituais e materiais, sem perder nada. A processão não é senão um desdobramento interno das riquezas virtuais infinitas do primeiro Princípio. A irradiação, a luminosidade do *Uno*, perpassa tudo, até o grau mais ínfimo (a matéria), que é o extremo oposto ao primeiro Princípio (*Uno*). Assim, tanto as três hipóstases do mundo inteligível como as substâncias materiais serão consideradas como expressões ou emanções de sua plenitude infinita²⁵, onde, de forma deterministicamente hierárquica, a *Inteligência* procede do *Uno*, como os raios emanam do sol; por sua vez, a *Inteligência* é fecunda, engendra a *Alma*, com a qual chegamos aos limites do mundo inteligível e tocamos na origem do mundo sensível. A *Alma*, por sua vez, não por capricho, desejo ou vontade sua, mas por necessidade, engendra o Ser ou a matéria, último grau da processão, lugar da multiplicidade e princípio do mal²⁶.

Portanto, como se vê, à *Alma* universal cabe o papel de fazer a transição ou garantir a unidade entre o mundo inteligível e o mundo sensível. Como bem diz o comentador Alsina Clota, “a Alma é causa da unidade dos corpos [...]. Ainda que não seja uma unidade absoluta. É, portanto, unidade-pluralidade”²⁷.

Para Plotino, isso só é possível, porque a *Alma* universal assim como a segunda hipóstase (a *Inteligência*) trazem em si uma divisão interna ou uma dupla natureza: por um lado, ela é atividade intelectual (Alma superior²⁸), voltada a contemplar o *Uno*, sua principal vocação, embora não o conheça diretamente, mas através da segunda hipóstase, ou seja, das imagens, dos conceitos ou Formas existentes no mundo das idéias da *Inteligência*²⁹; por outro lado, ela relaciona-se com o mundo sensitivo (Alma inferior), onde, assim como no caso do *Uno* multiplicando-se, sem dividir-se ou perder sua unidade³⁰, dá forma à massa informe - a matéria -, gerando os seres corpóreos. Mas *Alma* universal não tem só a função de produzir as almas individuais dos seres do mundo corpóreo mas também de ordenar e governar este mundo³¹.

Assim sendo, a *Alma*, terceira emanção ou criação do *Uno*, apesar de ser de natureza espiritual e, portanto, imortal, mas por sua íntima relação

com o mundo sensitivo, ela não é totalmente incorruptível, pois, ao juntar-se à matéria para com ela formar os corpos (inclusive no caso do homem), para dar-lhe forma ou vida, ou dar origem ao Ser, a *alma* está sujeita a corromper-se. Em suma, a alma é atingida pela matéria, que é o mal em potência³².

Assim, paralelamente ao que acontece no mundo das hipóstases inteligíveis, há, também, no mundo sensível, um descenso de bens a partir do *Uno*. Ou, num sentido inverso, de modo hierarquicamente ascendente, todas as coisas que existem no mundo sensível recebem seu ser ou são engendradas pelo seu grau imediatamente superior. Assim, no caso do homem, por exemplo, “a matéria refere-se à *Alma* (Alma do mundo) e é ordenada, embelezada, e recebe um certo grau de unidade e de ser, pelo seu bem, que é a forma pela qual participa; o corpo, como uma das formas da matéria, recebe vida pelo seu bem próprio, que é a alma; esta (a alma) recebe a sabedoria e a *felicidade* pela inteligência e pela vida dotada de razão, que representam seu bem; e, finalmente, a inteligência recebe a luz, que ilumina tudo o que existe, do Bem maior, isto é, o *Bem Absoluto (Uno)*”³³.

No sistema monista plotiniano, a matéria, que na sua união com a *Alma* universal dá origem aos seres corporais, é a última processão do Uno, e como tal, é eterna e necessária³⁴. Esta, apesar do extremo distanciamento do Bem, não forma um **princípio ontológico independente, pois, apesar de ser, juntamente com a Alma universal, um dos princípios originantes da multiplicidade dos seres corpóreos, como ressalta Nicola Abbagnano: “O mundo corpóreo supõe para a sua formação, além da ação da Alma do mundo, de um outro princípio de que derivam a imperfeição, a multiplicidade e mal. Esse princípio é a matéria, concebida por Plotino negativamente, como privação da realidade e do bem”**³⁵. Entretanto, isso não significa que a matéria se constitua em um princípio ontológico originante de si mesma, pois, em nenhum momento das *Enéadas*, Plotino fala de um segundo princípio ontológico originante. A matéria assim como a Alma fazem parte, em última das instâncias, do Uno, conforme palavras de Dominic O’Meara: “A matéria não é, portanto, uma causa independente; ela deriva, em última análise, como tudo o mais,

do Uno”³⁶. A matéria é, assim, o extremo limite do *Uno* (para além dos limites da matéria não há mais processão alguma, ou não existe mais nada), lugar da obscuridade, da multiplicidade e, portanto, fonte ou possibilidade do mal³⁷. Por isso, Plotino fala da matéria, quando de seu estado de natureza pura, ou seja, sem que esteja unida à *Alma* do mundo para com ela formar o Ser, como privação ou defecção - falta de forma, indeterminação, distanciamento do Bem - o não-ser, a que Plotino dá o nome de “nada”³⁸.

Entretanto, segundo Michele Sciacca, a noção plotiniana de “não-ser”, como equivalente ao “nada”, ainda não resolvia plenamente o problema do mal, pois, apesar de ter definido o não-ser (ou o “nada”) como um “ilimitado”, o “informe”, o “indeterminado”, Plotino substancializa ou materializa o não-ser, ao identificá-lo com a matéria³⁹. Daí que, apesar de ser algo negativo, o mal em Plotino tem uma existência positiva, ou seja: “O Ser é como ser, o não-ser é como não-ser”.

Mas não só isso, em Plotino o mal (a matéria ou não-ser) é algo necessário ou natural, pois, para que as coisas participem, é necessário que o mal seja também em si; “é preciso que tenha um ilimitado em si, um informe em si, e assim pelas outras propriedades que caracterizam a natureza do mal [...]”⁴⁰. Ou seja, “o mal não é senão um corolário da diversidade essencial e necessária dos seres criados e da essencial e necessária limitação do ser contingente [...]. Se a fluência do ser, a partir do Ser perfeito, é necessariamente uma degradação, se o enriquecimento do universo não pode realizar-se senão pela multiplicação das essências - já que nenhuma delas, por definição, pode realizar todo o ser - e em consequência, pela inevitável desigualdade das essências criadas, tudo isto não tem outro fim, que é a ordem, sinônimo do bem perfeito”⁴¹.

Assim sendo, o mal aparece como elemento necessário dentro da degradação da perfeição expressa na multiplicidade das essências. Como nenhuma delas, por definição, pode realizar todo o Ser, há inevitavelmente, ou necessariamente, uma desigualdade das essências emanadas. O mal faz parte da “ordem” do universo ou está determina-

do aprioristicamente, já que, conforme nos chama atenção Carlos Cirne-Lima⁴², se “tudo está pré-programado no ovo inicial”, assim também é o mal. Ele não é nada mais que o limite, a negação do bem maior, e, nesse sentido, em nada incomoda a beleza do universo e, de certa forma, ele é um “bem” necessário⁴³, reduzindo o mal a um problema puramente de estética na ordem natural do universo. Tal concepção teria grande influência na ontologia cósmica de Agostinho, especialmente exposta em sua obra *De Ordine*, conforme veremos posteriormente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABBAGNANO, Nicola. Plotino. In: *História da Filosofia*. 3 ed. Trad. Antônio Borges Coelho. Lisboa : presença, 1984, vol. II, p. 85-96.
- ALSINA CLOTA, José. *El Neoplatonismo: síntesis del espiritualismo antiguo*. Barcelona : Anthropos, 1989, 160 p.
- ARMSTRONG, A. H. Plotino. In: *Introducción a la Filosofía Antigua*. Trad. Carlos A. Fayard. 8 ed. Buenos Aires : EUDEBA, 1993, p. 281-327.
- AUBENQUE, Pierre. Plotino e o Neoplatonismo. In: CHÂTELET, François (Org). *História da Filosofia - Idéias, Doutrinas: (A Filosofia Pagã: Do século VI a. C. ao século III a. C.)* Trad. Maria José de Almeida. Rio de Janeiro : Zahar, 1973, vol 1, p. 199-214.
- BUSSOLA, Carlo. *Plotino: a alma no tempo*. Vitória : FCAA/UFES, 1990, 61 p.
- CIRNE-LIMA, Carlos. *Dialética para Principiantes*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997, 236 p.
- FRAILE, Guillermo. Plotino. In: *Historia de la Filosofía: Grecia y Roma*. Madrid : BAC, 1956, vol I, p. 703-735.
- GONZALEZ ALVAREZ, Angel. Plotino. In: *Manual de Historia de la Filosofía*. Madrid : Editorial Gredos, 1964, p. 220-225.
- HIRSCHBERGER, Johannes. Plotino. In: *História de la Filosofía: Antigüidade, Idade Média, Renascimento*. Trad. Joaquín Carreas e Artau. Barcelona : Herder, 1954, p. 206 - 211.
- JOLIVET, Regis. *San Agustín y el Neoplatinismo Cristiano*. Trad. G. Blanco; O. Iozzia ; M. Guirao; J. Otero; E. Pironio y J. Ogar. Buenos Aires : Ediciones C.E.P.A, 1932, 219 p.
- KLIMER, Federico; COLOMER, Eusebio. Plotino. In: *Historia de la Filosofía*. Madrid : Labor, 1961, p. 108 - 115.
- PELLOUX, Luigi. *Plotino* 2 edizione. Brescia : “La Scuola” Editrice, 1945, 153 p.
- PLOTINO. *Enneadi*. 4 ed. Trad., Int. e Not. Giuseppe Faggin. Milano : Rusconi, 1996, 1602 p.
- QUILES, Ismael. *Plotino: a alma, a beleza e a contemplação*. Trad. Ivan Barbosa Rigolin e Consuelo Colinvaux. São Paulo : Palas Athenas, 1981, 103 p.
- REALE, Giovanni; ANTESERI, Dario. Plotino e o Neoplatonismo. In: *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. 4 ed. [s. Trad.]. São Paulo : Paulus, 1990, vol. I. p. 338-355.
- SANGALLI, Idalgo José. *O Fim Último do Homem: da eudaimonia aristotélica à beatitudo agostiniana*. Porto Alegre : Edipucrs, 1998, 210 p.
- SCIACCA, Michele Federico. *Saint Augustin et le Néoplatonisme: la possibilité d’une philosophie chrétienne*. Paris : Éditions Béatrice-Nauwelaerts, 1956, 67 p.
- _____. Plotino. In: *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. Trad. Luis Washington Vita. São Paulo : Mestre Jou, 1966, vol I, p. 137-145.
- TROUILLARD, Jean. El Neoplatonismo. In: PARAIN, Brice. *História de la Filosofía (III): del mundo romano al Islam medieval*. Trad. Pilar Muñoz, José Maria Alvarez e Pilar López Máñez. México/Madrid : Siglo Veintiuno, 1998, p. 98-141.
- ULLMANN, Reinhold Aloysio. Plotino - Pagão, Panenteísta, Místico. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, vol. 24 (106): 685-690, dez., 1994.
- _____. A Processão em Plotino. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, vol. 25 (107): 179-187, mar., 1995.
- _____. Plotino - O Retorno ao Uno. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, vol. 25 (108): 361-373, jun., 1995.
- _____. Plotino e os Gnósticos. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, vol. 26 (111): 121-143, mar., 1996.
- _____. A Escatologia em Platão e Plotino. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, vol. 26 (114): 531-

548, dez., 1996.

_____. A Mística em Plotino. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, vol. 27 (116): 217-232, jun., 1997,

_____. O Conhecimento em Plotino. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, vol. 28 (121): 413-431, set., 1998.

NOTAS

¹Segundo TROUILLARD, Jean. El Neoplatonismo. In: PARAIN, Brice (Org.). *Historia de la Filosofía: del mundo romano al Islam medieval*. Trad. Pilar Muñoz, José Maria Alvarez e Pilar López Máñez. 11 ed. México/Madri : Siglo Veintiuno Editores, 1998, p.101, Plotino, filósofo neoplatônico, nasceu no Egito em 204 e faleceu em Minturno, na Campânia, em 270. Foi discípulo de Amônio Sacas, que fundara o Neoplatonismo em Alexandria. Plotino dispensara em Roma os seus ensinamentos com imenso sucesso. Sua única obra, as *Enéadas*, foi assim intitulada e publicada por seu discípulo e biógrafo Porfirio (232/3-305).

²JOVILET, *San Agustín y el Neoplatinismo Cristiano*. Trad. G. Blanco; O. Iozzia; M. Guirao; J. Otero; E. Pironio y J. Ogar. Buenos Aires : Ediciones C.E.P.A., 1932, p. 86. Ver também a posição de CIRNELIMA, Carlos. A Análise do Mundo. In: *Dialética para Principiantes*. 2 ed. Porto Alegre : Edipucrs, 1997, p. 49-77, onde procura mostrar que, abandonando o mestre, Aristóteles envereda por um dualismo em que não há uma síntese final, como na dialética de Platão.

³Cf. JOLIVET, *op. cit.*, 1932, p. 86. É bem verdade que, para alguns poucos comentadores, dentre eles destacamos o professor ULLMANN, Reinholdo A. A Processão em Plotino. *Teocomunicação*. Porto Alegre, vol. 25 (107): 179 -187, Mar., 1995, p. 181-182, que, baseado em algumas passagens das *Enéadas*, como, por exemplo: “É preciso que o Uno seja antes de todas as coisas, é preciso que ele replene e que produza tudo, mas que não seja tudo quanto produz”(En. III, 9, 4, 7), defende que, a rigor, Plotino não tinha a intenção explícita de construir um sistema monista, mas dualista, pois, para o referido comentador, “se o Uno está acima do todo, é transcendente e absoluto; se é causa do todo, esse

tudo é tão-somente efeito. Indubitavelmente, Plotino não teve a intenção de apregoar nem o panteísmo, nem o monismo”. Entretanto, em muitos outros comentadores, há uma interpretação inversa, como, por exemplo, além do autor acima citado (JOLIVET, *op. cit.*, 1932), AUBENQUE, Pierre. Plotino e o Neoplatonismo. In: CHÂTELET, François (Org.). *História da Filosofia - Idéias, Doutrinas: A Filosofia Pagã: do século VI a. C. ao século III a.C.* Trad. Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 202, que diz: “A dualidade dos princípios servia, parece, para explicar a necessidade que tem o Uno de se desdobrar sob a ação do princípio contrário [...]. Plotino procurará remontar além desse dualismo, pois só o Uno é primeiro”. Quanto a nós, concordamos que Plotino seja monista, pois, a nosso ver, a palavra monismo aqui não significa que em Plotino tudo seja o Uno (Deus) ou, num sentido inverso, que o Uno seja a totalidade ou o conjunto de tudo, ou ainda, que o Uno esteja presente em tudo, o que seria puro panteísmo, mas tão somente que o Uno é o único princípio ontológico originante de tudo, pois não há um segundo princípio ontológico originante em nenhum dos níveis das processões, seja no mundo inteligível ou sensível. Em Plotino, tudo deriva do Uno e volta a ele. Ou como nos diz BUSSOLA, Carlo. *Plotino: a alma no tempo*. Vitória: FCAA/UFES, 1990, p. 41: “Torna-se, evidente que, para Plotino, só existe uma única substância, que é eterna, porque está aquém de qualquer começo e fica além de qualquer fim; é infinita, pois não há nada fora dela, e nela tudo está contido, porque ele é tudo - não no sentido de que ela é a soma de tudo, mas no sentido de que ela é única”. Nesse sentido, concordamos com aqueles que entendem que Plotino buscava construir um sistema monista, e com o professor Reinholdo Ullmann de que ele não era panteísta, mas panenteísta, ou seja, que “o Uno seja transcendente e imanente ao todo”, pois, como diz o próprio Plotino: “É necessário que exista um algo anterior a tudo, algo que deve ser simples e diferente de tudo posterior; existente por si próprio, transcendente ao que dele procede e, ao mesmo tempo, de maneira típica, capaz de estar presente nos outros seres”(En. V, 4,1). Dentre os



que defendem ser Plotino panteísta temos: SCIACCA, Michele Federico. Plotino. In: *Historia da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. Trad. Luiz Washington Vita. São Paulo : Mestre Jou, 1966, p. 141, que diz: “Panteísmo acósmico: a eternidade e a infinitude do ser envolvem as coisas num solene e misterioso silêncio”; KLIMKER, Federico; COLOMER, Eusebio. Plotino. In: *Historia de la Filosofia*. Madrid : Editorial Labor, 1961, p. 111, que diz: “Ainda que sua intenção não é panteísta, mas dada a ausência da noção de criação fica difícil manter a diferença entre deus e mundo” e HIRSCHBERGER, Johannes. Plotino. In: *Historia de la Filosofia: Antigüidad, Edad Média, Renascimento*. Trad. Joaquín Carreras e Artau. Barcelona : Herber, 1954, p. 208, que diz: “Nos perguntamos: é o ‘todo’ algo distinto do Uno ou não? Que diremos? Por um lado, é idêntico, mas não totalmente idêntico, pois se diz outro; por outro lado, é outro distinto, mas não totalmente outro, pois se diz o mesmo e idêntico”. E conclui: “Todo panteísmo e monismo na história vive esta anfibia dos conceitos de ‘idêntico’ e ‘distinto’. E não são suficientes as escalas intermediárias. Não resolvem o problema, antes aumentam um pouco”.

⁴Para uma maior compreensão deste ponto, aconselhamos a leitura de CIRNE-LIMA, Carlos. A Explicação do Mundo. In: *op. cit.*, 1997, p.78-92, onde, dentre outras afirmações, diz: “Os filósofos Neoplatônicos ensinavam que tudo começa num ovo inicial e que a partir daí, por desdobramentos, tudo se engendra. No começo há um primeiro ser que é o Uno, que é tudo que existe”.

⁵ Segundo ALSINA CLOTA, José. *El Neoplatonismo: síntesis del espiritualismo antiguo*. Barcelona : Anthropos, 1989, p. 53, é possível que Plotino tenha despertado para a idéia de processão a partir do conceito emanatista de criação do pensador judeu-helenístico Filon de Alexandria, quando diz: “Efetivamente em Filon, Deus, que é inteiramente transcendente, cria a partir da superabundância de sua perfeição. O emanatismo filoniano reaparecerá em Plotino, ainda que em forma completamente distinta. O processo através

do qual se produz a criação se chama, na terminologia plotiniana, *próodos*, que os modernos têm traduzido por *processão*”. Em *As Enéadas*, Plotino fala das processões como de uma sucessão de círculos concêntricos, surgidos a partir de um único ponto: “Existe qualquer coisa que poderia dizer-se centro: ao redor deste, há um círculo que irradia o esplendor emanante daquele centro; ao deste (centro e primeiro círculo), um segundo círculo, luz da luz” (*En. IV, 3, 17*).

⁶Conforme GONZALEZ ALVAREZ, Angel. Plotino. In: *Manual de Historia de la Filosofia*. Madrid: Editorial Gredos, 1964, p. 121, “o Uno não encerra em si composição alguma. Não pode ser, por conseguinte, matéria, porque a matéria convém essencialmente ser formada por partes extensas. Tampouco pode ser espírito, porque no espírito se dá, ao menos em função do conhecimento, a dualidade sujeito-objeto”. Igualmente diz KLIMKER; COLOMER. *op. cit.*, 1961, p. 110: “O Uno é o Ser supremo sobre todas as essências determinadas e finitas. Primeiro Princípio de todas as coisas, compreende em si toda a realidade e, no entanto, não possui nenhuma determinação. Não é ente, porque o ente expressa já alguma determinação. Não é entendimento, senão sobreentendimento, que existem entes ao entendimento, pois este é já uma forma de ser e supõe certa distinção entre o sujeito conhecente e o objeto conhecido. Sequer se pode dizer que o Uno, dotado de entendimento, poderá ao menos conhecer-se a si mesmo, pois num entendimento próprio, encontra-se alguma dualidade, posto que o mesmo sujeito é ao mesmo tempo inteligente e entendido, o qual repugna a unidade pura e simples do Uno. Não está em movimento nem em repouso, nem é substância, nem espírito etc. Em uma palavra, é tal que nada pode predicá-lo, posto que está acima de tudo”. Por isso, QUILES, Ismael. *Plotino*. Trad. Ivan Barbosa Rigolin e Consuelo Colinvau. São Paulo : Centro Editor - Associação Palas Athena, 1981, p. 18, diz que “o nome Uno é dado por Plotino após ter buscado em vão outro com que expressá-lo”, pois, dada a sua simplicidade, “nosso entendimento é incapaz de pensá-lo”. Ao Uno só lhe competem expressões

como: “para além de tudo”, para além do Espírito venerável e sumo”, Ele é o inominável”(En. V, 3, 13), pois, como observa ARMSTRONG, A. H. Plotino. In: *Introducción a la Filosofía Antigua*. Trad. Carlos A. Fayard. Buenos Aires : EUDEBA, 1993, p. 289, por razões lógicas, “não podemos predicar o ser do uno, não podemos dizer ‘o Uno é’, sem introduzir pelo menos uma dualidade entre sujeito e predicado, e não é possível que exista dualidade na unidade primordial, a Unidade absoluta, que é o princípio de unificação de todas as coisas”. O próprio Plotino chega a dizer que é impossível conceituar devidamente o primeiro princípio, ele está além do nosso pensamento, é algo inefável: “O Uno não é objeto de conceito nem de ciência”(En. V, 4,1), ou seja, na impossibilidade de dizer positivamente o que é o Uno, Plotino acabou por buscar defini-lo pelo que ele não é, iniciando a chamada “teologia negativa”, na qual se nega toda determinação e toda predicação, conforme nos diz ABBAGNANO, Nicola. Plotino. In: *História da Filosofia*. 3 ed. Trad. Antônio Borges Coelho. Lisboa : Editorial Presença, 1984, vol. II, p. 85: “Com estas considerações, Plotino inicia aquilo que se chamou seguidamente a teologia negativa, isto é, a determinação de Deus através do reconhecimento da impossibilidade de predicar dele todas e cada uma das determinações finitas”. Igualmente diz BUSSOLA, *op. cit.*, 1990, p. 35: “Pela impossibilidade humana, o Uno não pode ser nem aproximadamente descrito, a não ser por meio de negações, como, por exemplo, ‘o Uno não é material’, ‘o Uno não é finito’, ‘o Uno, princípio de todos os entes, é um não-ente’, etc.”. Entretanto, para o supracitado comentador, Ismael Quiles, “como a unidade é o princípio dos números, assim, o primeiro princípio de onde procede a multiplicidade dos seres deve ser o Um por excelência, a Unidade perfeita, absoluta e subsistente”, por isso Plotino o chama de Uno.

⁷Aqui, ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A Processão em Plotino. In: *op. cit.*, 1995, p. 179, nos chama a atenção de que Plotino é um pagão e como tal não usa explicitamente em suas *Enéadas* a palavra Deus, o que levou alguns comentadores, dentre eles FRAILE, Guillerme. Plotino. In: *História de la Filosofía*: Grecia y Roma. Madrid : BAC,

1956, vol. I, p. 733, a afirmar que o Uno plotiniano não passa de um mero conceito universal, um metaconceito abstrato, lógico, indeterminado. Entretanto, é comum se traduzir o Uno como sinônimo de Deus, o que é perfeitamente justificável para o professor Reinholdo Ullmann, que diz: “o único objetivo de Plotino era unir-se ao Uno. Uma nostalgia insopitável do Princípio sem princípio impulsionava-o para a *hénosis* pelo êxtase. Ora, pode alguém unir-se extaticamente a um conceito abstrato? Impossível. Portanto, a *hénosis* constitui verdadeira união com o Superser, como o Superbem, com a Superbeleza, numa palavra, Deus, que é mistério”. Já BUSSOLA, *op. cit.*, 1990, p. 32, a esse respeito, diz: “O Uno, evidentemente, é Deus, mas não o Deus que as Escrituras judaico-cristã reduzem a um ponto indefinido nalgum lugar do céu, com características antropomórficas, e sim o Deus de Spinoza, ou, talvez, na linguagem da mentalidade moderna, a Energia Eterna, infinita, inexplorável, única e incomensurável de que fala Einstein”.

⁸ Conforme nos chama a atenção o professor ULLMANN, Reinholdo A. O Conhecimento em Plotino. *Teocomunicação*. Porto Alegre. Vol. 28 (121): 413-431, set. 1998, p. 417-418, o *Noûs* ou *Inteligência* é uma contemplação pura e viva, “[...] não de um objeto contemplado como se (este objeto) estivesse em outro”(En. III, 8, 11), mas ele tem em si as verdadeiras realidades, que são as essências. Por conseguinte, o *Noûs* não conhece indiretamente por imagens, mas a coisa em si: “[...] ele mesmo é aquilo que conhece”(En. V, 9, 5). Portanto, não há intermediário. Nem o engano, nem o erro podem ali insinuar-se. O *Noûs* é a verdade. Por quê? Pelo fato de “ser ele próprio os seus inteligíveis, visto as idéias não terem sido adquiridas”(En. V, 4,2). Entretanto, apesar de tamanha semelhança, o Uno **não o Intelecto**, e vice-versa. O Uno é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente ao Intelecto (panenteísmo). Conforme deixa bem claro Plotino: “A imagem do Uno dizemos que é o Intelecto [...], pois é preciso que o filho seja, em certo sentido, Ele, e conserve muito dele e seja semelhante a Ele como a luz com respeito ao sol. Mas Ele não é o Intelecto”(En. V, 1,7).

⁹ Cf. *En.* V. 1, 4, 1.

¹⁰ Cf. REALE, Giovanni ; ANTESERI, Dário. Plotino. In: *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média.* 4 ed. [s. Trad.]. São Paulo : Paulus, 1990, vol. I, p. 343.

¹¹ Cf. FRAILE *op. cit.*, 1956, p. 733: “As três hipóstases, o Uno, a Inteligência e a Alma, é o que se têm chamado a trindade plotiniana. São três hipóstases distintas, inferiores uma das outras e não consubstanciais e idênticas em essência [...], não completamente distintas da Trindade do dogma católico”.

¹² Cf. ULLMANN, Reinholdo A. A Processão em Plotino. In: *op. cit.*, 1995, p. 181.

¹³ *Id Ibid*, p. 184. ABBAGNANO, *op. cit.* 1984, p. 86, é da mesma opinião, quando diz: “Passando rapidamente de imagem a imagem, a emanção é também um processo de degradação. Pois, aquilo que emana do Uno é inferior ao Uno, assim como a luz é menos luminosa que a fonte de onde emana e a onda de perfume é menos intensa à medida que se afasta do corpo odorífero”. Igualmente SCIACCA, *op. cit.*, 1966, 137, quando diz: “Como os raios, à medida que se distanciam do centro luminoso que os irradia, tornam-se sempre mais fracos, assim as emanções do Uno se degradam, à medida que se distanciam da fonte, em zonas sempre menos luminosas até a completa escuridão. Entre os dois extremos da luz plena e das trevas opacas estão os graus intermediários do processo. A emanção, através destes graus, indica um progressivo despotenciamento do ser: do Uno à dualidade, à multiplicidade, ao não-Ser, ou matéria”.

¹⁴ Segundo FRAILE, *op. cit.*, 1956, p. 708, é graças a essa degradação ou despotencialização da perfeição nas processões sucessivas, onde “a Causa não se identifica com seus efeitos” (*En.* V, 2, 1), que podemos considerar Plotino um filósofo panenteísta, caso contrário, cada processão seria idêntica ao Uno, e Deus seria tudo e tudo seria Deus, o que seria um puro panteísmo. Há sim emanatismo, pois cada coisa contém parte de

Deus, por derivar dele por emanções sucessivas, mas cada coisa não é Deus, bem como o conjunto de todas as coisas não é Deus. O Uno é, ao mesmo tempo imanente e transcendente - panenteísmo. Ou como bem diz QUILES, *op. cit.*, 1981, p. 18 e 23: “O Uno se basta por si próprio, está isento de toda composição; dele procede tudo, ele está em todas as coisas, sem confundir-se com eles”. Ou ainda ABBAGNANO, *op. cit.*, 1984, p. 85, que diz: “Plotino acentua até ao extremo limite a transcendência de Deus [...]. Afirma que Deus está ‘para além do ser’ (V, 5, 6); ‘para lá da substância’ (VI, 8, 19); ‘para lá da morte’ (III, 8, 9) de modo que é transcendente a respeito de todas as coisas, ainda que produzindo-as e mantendo-as ele próprio em ser (V, 5, 12)”.

¹⁵ ULLMANN, Reinholdo A. A Processão em Plotino. In: *op. cit.* 1995, p. 181. Igualmente em BUSSOLA, *op. cit.*, 1990, P. 38: “O Uno possui a plenitude da essência e da existência em si mesma; mas na medida em que d’Ele emanam as realidades materiais da essência do Ser, diminui progressivamente tais realidades”.

¹⁶ JOVILET, *op. cit.*, 1932, p. 91. FRAILE, *op. cit.*, 1956, p. 707, é da mesma opinião, quando diz: “Na realidade, pelo menos na intenção, Plotino não é panteísta. Mas não admitindo a idéia de criação *ex nihilo*, não tem mais remédio que afirmar que todas as coisas procedem necessariamente da primeira Causa”. Cf. *En.* III, 2, 1: “Atribuir a espontaneidade (quer dizer aqui, a liberdade) a existência e a formação do mundo sensível, e um puro absurdo do homem que não sabe nem compreende, nem ver”. Pois “Este mundo não nasceu por que a *Inteligência (Noûs)*, tenha acreditado que era necessário criá-lo; resulta de uma necessidade inerente a natureza da segunda ordem (quer dizer, da segunda hipóstase)” (*En.* III, 2, 2). Portanto, conforme conclui ALSINA CLOTA, *op. cit.*, 1989, p. 54, na criação emanatista plotiniana, que, por sua vez, teria sua inspiração na idéia emanatista de criação de Filon de Alexandria, “tudo brota do Uno, não por um processo deliberativo nem um ato de consciência. Brota em razão de sua superabundância [...]. A

criação é, pois, conseqüência da suprema superabundância do Uno e de sua capacidade de engendrar. E isso se diferencia profundamente do Deus cristão”. Cf. *En. V, 2,1*: “O Uno é perfeito e superabundante, e essa superabundância produz algo distinto dele”. Também, segundo o mesmo comentador, não há ato de amor na criação plotiniana, “há sim, um amor (*erôs*) do Intelecto e da Alma para com o Uno, mas não no sentido inverso (como ocorre no cristianismo)”. Cf. *En. V, 1, 6*: “Todo o criado deseja e ama o seu criador”. Assim sendo, para BUSSOLA, *op. cit.*, 1990 p. 38 e 40, o Deus plotiniano é princípio permanente em si mesmo, e, por um lado, se aproxima do Deus de Aristóteles - enquanto “motor-imóvel”, isto é, “o Princípio que, embora não sendo movido por ninguém, dá início a tudo o que se move”. Por outro lado, afasta-se, pois, enquanto naquele Deus é “pensamento do pensamento”, “Plotino entende que o Uno não pensa, nem o exterior, porque pensar é sempre pensar algo, e fora dele não existe nada; nem mesmo pode pensar a si mesmo, porque, se Ele pensasse a si mesmo, introduziria uma imagem de si em si”. Igualmente diz ARMSTRONG, A. H. Plotino. *In: op. cit.*, 1993, p. 289: “...a concepção que tinha do Uno foi muito influenciada pela descrição que Aristóteles tinha de seu Ser supremo ou Deus, o *motor imóvel*, a inteligência transcendente que se basta a si mesma, concebida como perfeita e carente de toda atividade exterior, pois está absorvida em sua própria contemplação. Por outra parte, Plotino coloca o Uno ou Bem mais além da Inteligência e mais além do Ser. É ele origem da Inteligência divina e do mundo das Formas, que é seu conteúdo; mas o Uno não é nem uma Inteligência nem uma Forma”.

¹⁷Pois, segundo CIRNE-LIMA, *op. cit.*, 1997, 85, no sistema plotiniano, “ assim como o pássaro inteiro está pré-programado no ovo, assim as Formas de todo Universo estão completamente pré-programadas no Ser-Uno inicial”.

¹⁸Conforme atesta o professor ULLMANN, Reinhold A. Plotino e os Gnósticos., *Teocomunicação* Porto Alegre, vol. 26 (111): 121-143, Mar. 1996, p. 136, “Plotino admite a criação

(=emanação!), porém ela é eterna. Dessarte, ele contradiz a religião cristã”, onde Deus criou o mundo no tempo. E em outro artigo: Plotino - Pagão, Panenteísta, Místico. *In: op. cit.*, 1994, p. 690, diz: “Plotino é criacionista? Não. Embora distinga entre causa e efeito, torna-se difícil conciliar a processão com os entes contingentes”. Ou pelo menos os conceitos “criação e tempo” não têm o mesmo significado que em Agostinho, por exemplo, conforme chama a tenção TROUILLARD, Jean. El Neoplatonismo. *In: op. cit.*, 1998, p. 113: “Vejo que há em Plotino tempo e criação. Mas também vejo que nele o tempo não é nunca criador, e a criação jamais é temporal”. Em síntese, as coisas não são criadas no tempo, mas são eternas, conforme palavras de AUBENQUE, *op. cit.*, 1973, p. 203: “Designa-se geralmente por emanação, ou melhor por processão (*proodos*) o curso pelo qual as coisas, e inicialmente as inteligíveis, nascem do Uno. Bem entendido, não se trata aí senão de metáforas, pois um tal processo não se desenrola no tempo, já que o próprio tempo só aparece numa certa fase, relativamente, tardia da processão”. Igualmente AMSTRONG, A. H. Plotino. *In: op. cit.*, 1993, p. 297, diz: “Do Uno procede, por ordem, a totalidade da realidade derivada: a Inteligência, a Alma e o universo material. Esta processão é necessária e eterna; para Plotino, como para o pensamento grego tardio em geral, o conjunto do universo em todos os seus níveis, espirituais e materiais, é eterno e resulta impossível conceber que alguma parte do mesmo pudesse não existir ou existir de outro modo”, contrariamente ao Deus do Cristianismo, onde o mundo é contingente, pois podia não ter sido feito de jeito nenhum ou ter sido feito de outra forma.

¹⁹CF. FRAILE, *op. cit.*, 1956, p. 706 : “A existência dos seres múltiplos e contingentes do mundo sensível reclama necessariamente a de um Ser Uno e necessário”. Ou ainda: “O Uno é o princípio supremo, a fonte primordial da qual se deriva toda pluralidade dos seres, por uma processão necessária e eterna. O Uno é aquele pelo qual existem todas as coisas”. Igualmente em SCIACCA, *op. cit.*, 1966, p. 138: “O Uno é atividade pura, ‘a potência de todas as coisas’: se ele não existisse, nada existiria”.



²⁰ULLMANN, Reinholdo A. O Conhecimento em Plotino. In: *op. cit.*, 1998, p. 421.

²¹ *Idem*, Plotino - O Retorno ao Uno. *Teocomunicação* Porto Alegre, vol. 25 (108): 361-373, Jun. 1995, p.361. O Comentador QUILES, *op. cit.*, 1981, p. 24, é da mesma opinião, quando diz: “Plotino admite que tudo sucede de acordo com uma necessidade imperiosa, e que o próprio Uno produz necessariamente o que produz”.

²²A esse respeito PELLOUX, Luigi. *Plotino*. Brescia : “La Scuola” Editrice, 1945, p. 92, diz: “O mundo não se explica sem o Absoluto; antes Plotino insiste em acentuar como o Uno põe de si em todas as coisas; assim o mundo, o tempo, o múltiplo, trazem em si a marca da participação que esses vêm do Absoluto”. Ver, também, FRAILE, *op. cit.*, 1956, p. 707: “Plotino se enfrenta com o difícil problema de conciliar a coexistência da unidade do Ser e a pluralidade dos seres, e trata de explicar a procedência do seres múltiplos do Universo a partir da Unidade primária e transcendente do Ser”. E, mais uma vez, recomendamos, para uma maior compreensão do tema, a leitura de CIRNE-LIMA, *op. cit.*, 1997, especialmente os tópicos: “Explicar é Desdobrar”, p. 78 e “De onde vem a Multiplicidade Determinada?”, p. 84.

²³Cf. FRAILE, *op. cit.*, 1956, p. 708: “O Uno se difunde, sem dividir-se nem multiplicar-se. O Uno ‘é todas as coisas, sem ser nenhuma delas. É princípio de todas as coisas, mas não é as coisas que se derivam dele”.

²⁴Cf. *En.* IV, 3, 17; V, 1, 6, onde Plotino fala do Uno sempre por metáforas, ou seja, onde compara, por exemplo, o Uno com o fogo que emana calor, com a neve que espalha o frio, a substância odorífera que exala o perfume, o ser vivo que gera outros seres vivos, com a luz que irradia de uma fonte luminosa sem se esgotar jamais.

²⁵Segundo, QUILES, *op. cit.*, 1981, p. 18, quando Plotino diz que Deus dar sem perder, estamos diante de uma verdadeira posição emanatista panenteísta, na qual Deus é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente: “O uno é existente por

si próprio, transcendente ao que dele procede e, ao mesmo tempo, de maneira típica, capaz de estar presente nos outros seres” (*En.* V, 4,1). Deus está presente em todas as coisas, por emanações ou participação, mas nenhuma coisa é Deus, nem mesmo o conjunto das coisas. Também é graças a essa afirmação que Plotino salva a incorruptibilidade e imutabilidade de Deus, pois, mesmo que todas as coisas saiam de Deus, e mais do que isso, que se degradem as processões sucessivas que Dele procedem, Ele continua, Uno, perfeito e imutável na sua transcendência. Conforme diz o professor ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Plotino - Pagão, Panenteísta, Místico. In: *Teocomunicação* Porto Alegre, vol. 24 (106): 685-690, Dez., 1994, p. 690: “O Uno forma uma substância à parte, a qual não se despotencializa pela processão”.

²⁶Na realidade, segundo BUSSOLA, *op. cit.*, p. 39-40, enquanto sistema monista, não há hierarquização alguma, a não ser para efeito metodológico de explanação, pois o Uno, ontologicamente reúne em si tudo: “Podemos falar (do ponto de vista do entendimento humano e dentro de uma distinção puramente lógica) de um movimento de descida, definida como emanação, e de um movimento de subida, ao retorno. Claro é que, ontologicamente, não há descida nem subida. No único modo de ser do Uno há operações, ou movimentos sem que, evidentemente, isso inclua potencialidade, pois que no Uno há o eterno presente, - o eterno real - e nessa Unidade de substância, tudo aquilo que é possível, é somente possível como forma ou aspecto transitório de algo já essencialmente real, de modo que não se pode, em nenhuma hipóstase, falar em potencialidade. Assim, fica comprovado que no Uno não há tempo, nem espaço, nem mudanças reais, já que não há sucessão de eventos, pois no Uno tudo é aquilo que é”. Assim sendo, pode-se dizer que “o Uno está presente no Intelecto, e o Intelecto está presente na Alma, e a Alma está presente na matéria”. Em suma, o Uno está presente em tudo e tudo está presente no Uno ou, em outras palavras, como tudo o que é é parte do Uno, temos a “Unidade de tudo” no Uno, que é Unidade eterna.

²⁷ALSINA CLOTA, *op. cit.*, 1989, p. 57.

²⁸Cf. *En.* IV, 8,7: “Sendo dupla a natureza da Alma, uma intelectiva e outra sensitiva, é melhor para ela viver no inteligível”.

²⁹A esse respeito, ARMSTRONG, A. H. Plotino. *In: op. cit.*, 1993, p. 304, diz: “As relações da Alma superior coma a Inteligência são em certos aspectos rigorosamente paralelas com as que existem entre a Inteligência divina e o Uno”. Cf. também, *En.* V, 1, 2.

³⁰Cf. *En.* III, 1, 8, 1. Aqui, mais uma vez, preocupado em manter-se na linha do panenteísmo, Plotino procura mostrar que a Alma é, ao mesmo tempo imanente e transcendente ou que a *Alma* universal é um-e-muitos, pois, na *Alma* universal, estão contidas as *razões seminais* de todos os seres, mas ela não está no mundo, este é que está naquela (Cf. *En.* V, 5, 9). Ou como diz ARMSTRONG, A. H. Plotino. *In: op. cit.*, 1993, p.307: “Plotino ressalta sempre em dizer que a o inferior está em o superior antes que o superior em o inferior”.

³¹A esse respeito diz ARMSTRONG, A. H. Plotino. *In: op. cit.*, 1993, p. 305: “A função mais importante da Alma é, em última instância, a de ser um vínculo entre ambos mundos, o inteligível ou espiritual e o material, a de construir esse grau final no desenvolvimento do ser espiritual que não só governa e ordena o universo visível, senão que também lhe dá vida e realidade”. Igualmente diz REALE ; ANTESERI, *op. cit.* 1990, p. 345, “Cabe à própria alma sustentá-la, ordená-la, informá-la e mantê-la vinculada ao ser”. Cf. também, *En.* IV, 8, 8, 1.

³²Cf. BUSSOLA, *op. cit.*, 1990, p. 43: “Por estar sempre ligada a um corpo, isto é, à matéria, a alma não fica imune de impurezas e desordens; nesse sentido, a alma está envolta por aquilo que vulgarmente chamamos de ‘mal’”.

³³SANGALLI, José Idalgo. *O Fim Último do Homem: da eudaimonia aristotélica à beatitudo agostiniana*. Porto Alegre : 1998, p. 132.

³⁴FRAILE, *op. cit.*, 1956, p. 719: “A matéria é necessária porque o Universo consta de contrários, e não poderia haver contrários se não existisse a matéria”.

³⁵ABBAGNANO, *op. cit.*, 1984, p. 87: “Se assim fosse, Plotino seria um autor dualista, e não monista, e em muito se aproximaria do maniqueísmo, onde a matéria forma um princípio ontológico por si só”.

³⁶O'MEARA, *Apud.* ULLMANN, Reinholdo A. O Conhecimento em Plotino, *In: op. cit.*, 1998, p. 418. Cf. também, ULLMANN, Reinholdo A. Plotino - Pagão, Panenteísta, Místico. *In: op. cit.*, 1994, p. 688, onde diz: “O último limite a que chega a Alma do mundo é a matéria, o ‘informe’, o ‘mal primeiro’, antípoda do Uno, imperfeição; é mais sombra do que luz, mas também deriva do Uno”. Da mesma opinião é QUILES, *op. cit.*, 1981, p. 19, quando diz: “A luz e a vida que procediam do primeiro ser vão diminuindo cada vez mais, segundo a categoria dos seres; e, em seu limite máximo, vêm a ser, na visão de Plotino, mais sombra do que luz. Assim se forma essa espécie de muralha escura que é a matéria para a inteligência, sombra nas sombras, mas que não deixa de ter uma ligeira participação do ser e da razão”. Igualmente acrescenta BUSSOLA, *op. cit.*, 1956, p. 41: “As emanações diminuem e se degradam à medida que se afastam do Uno; logo, num momento pode não haver mais luz, somente escuridão... mas, cuidado!, pois essa escuridão está ainda no Uno. O último lampejo antes da escuridão é apenas a última forma de emanação do Uno, dentro do Uno”. Temos aqui três depoimentos que confirmam nossa hipótese de monismo e emanatismo. Entretanto, é bom observar que, apesar de o mal derivar, em última das instâncias, do Uno, uma vez que ele é identificado com a matéria, que é a última processão do Uno, isso em nada compromete a incorruptibilidade e imutabilidade de Deus, pois, como já vimos em outra ocasião, a degradação das emanações sucessivas em nada diminui perfeição do Uno, que pode dar sem perder. Deus é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente - ou panenteísta.



³⁷Cf. *En.* I, 8, 3; I,8,5; II, 4,1-2.

³⁸Vale salientar, aqui, que o termo “nada”, utilizado por Plotino, significa tão somente o estado mutável em que se encontra a matéria no seu eterno e contínuo movimento que dá origem aos seres múltiplos. Entretanto, apesar de ser mutável, fluida, informe, indeterminada, a matéria é algo real. O comentador BUSSOLA, *op. cit.*, 1990, p. 49, refutando a hipótese de um possível idealismo em Plotino, diz: “Não, pois tudo que emana do Uno, por intermédio da Intellecto e da Alma universal, é composto de essência e existência”, e a matéria é a última emanção do Uno, portanto é algo existente, ainda que informe.

³⁹SCIACCA, Michelle Federico. *Saint Augustin et le Néoplatonisme: la possibilité d'une philosophie chrétienne*. Paris : Éditions Béatrice-Nauwelaerts, 1956, p. 16.

⁴⁰*En.* I, 8,3. Aqui, mais uma vez, voltamos a chamar a atenção para o fato de que, mesmo sendo algo necessário, pelo fato de a matéria derivar, em última das instâncias, do Uno, o mal em nada compromete

a incorruptibilidade e imutabilidade de Deus, pois Deus pode dar sem perder. Deus é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente - ou panenteísta.

⁴¹JOLIVET, *op. cit.*, 1932, p. 94 . QUILES, *op. cit.*, 1981, p. 24, é da mesma opinião quando diz: “O mal para Plotino está nos seres, como algo que é o oposto ao bem absoluto. Tanto que, assim como existe o bem absoluto, este mal deve ser também um mal absoluto”. Ver, também, SCIACCA, *op. cit.*, 1956, p. 17, que diz: “Para Plotino o mal é natural, ele é uma necessidade inerente à ordem natural, porque as almas caíram na miséria (matéria), da qual os vícios decorrem ‘necessariamente’”.

⁴²Cf. CIRNE-LIMA, *op. cit.*, 1997, p. 85.

⁴³Cf. JOLIVET, *op. cit.*, 1932, p. 94 e 97 que diz: “A matéria, em si mesma é o mal, mas no conjunto tem o seu papel, e com relação ao todo, tem também sua bondade e sua beleza. De fato, o mal não existe então, segundo Plotino, senão relativamente as essências mais perfeitas; não é senão um bem menor”